



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

RUI BARBOSA E PINHEIRO MACHADO: DISPUTA POLÍTICA EM TORNO DA CANDIDATURA DO MARECHAL HERMES DA FONSECA

Marcelo Henrique Pereira dos Santos

Universidade Federal do Vale do São Francisco

Marcelo.henrique@univasf.edu.br

A razão parece-me ser que o espírito de inquietação reside em
Paulo, e o de conservação em Pedro.

Machado de Assis – Esaú e Jacó

Rui Barbosa e Pinheiro Machado foram duas importantes personagens da primeira República (1889-1930). No entanto, foram marcados por mentalidades políticas distintas ao longo de suas carreiras. O primeiro vinculava-se ao pensamento que pode ser identificado como progressista, enquanto o segundo ligava-se ao pensamento conservador.

Para demonstrar isso, recorreremos à reconstrução histórica dos embates políticos que antecederam o lançamento da candidatura do marechal Hermes da Fonseca à sucessão do presidente Afonso Pena - lançamento este que foi feito pelo senador Pinheiro Machado e provocou a ruptura entre este último e o senador Rui Barbosa.

Antes disso, porém, se faz necessário expor rapidamente os conceitos de mentalidade utópica conservadora e de mentalidade utópica liberal-humanitária ou progressista elaborados pelo sociólogo húngaro Karl Mannheim no livro *Ideologia e Utopia*, os quais são utilizados aqui para a compreensão da atuação política tanto de Rui Barbosa quanto de Pinheiro Machado.

Ideologia e Utopia

Segundo Karl Mannheim, “um estado mental é utópico quando é incongruente com o estado de realidade dentro do qual ocorre”. (Mannheim, 1954, p. 179) Além disso, podem



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ser chamados de utópicos aqueles pensamentos que transcendem “a realidade e que, ao serem postos em prática, tendam a destruir, parcial ou completamente, a ordem de coisas existentes em determinada época”. (Ibid.) Sendo assim, a definição de utopia elaborada pelo sociólogo húngaro é bastante distinta, para não dizer oposta, daquela divulgada pelo senso comum, que percebe a utopia como algo irrealizável, como fantasia, como quimera, etc. Além disso, o conceito elaborado por Mannheim também não remete ao sentido de “comunidade política ideal” - contido no livro *Utopia* de Thomas More - pois, como ficou claro, o sociólogo húngaro entende a mentalidade utópica como composta por ideias que, transcendendo à situação, não são apenas desiderativas (que exprimem desejos), mas “exercem efeitos transformadores sobre a ordem histórico-social existente”. (Ibid., p. 191)

Depois de mostrar o que o autor entende pelo conceito de utopia, tratemos um pouco da tipologia de mentalidade utópica elaborada por Karl Mannheim. O sociólogo húngaro se refere a quatro mentalidades utópicas, a dizer: o quiliastro orgiástico dos anabatistas, a ideia liberal-humanitária ou progressista, a ideia conservadora, a utopia socialista-comunista. Aqui faremos uma síntese apenas das ideias liberal-humanitária e conservadora, pois acreditamos ser nestas que se enquadram, respectivamente, Rui Barbosa e Pinheiro Machado.

Segundo Mannheim, a utopia da mentalidade liberal-humanitária é caracterizada pela “ideia”. No entanto, o autor afirma que não se trata de uma ideia “platônica, estática, da tradição grega, a qual era um arquétipo concreto, um modelo primordial das coisas” (Ibid., p. 204), mas da ideia “concebida como um objetivo formal, projetado no futuro infinito, e cuja função consiste em atuar simplesmente como desígnio regulador dos assuntos terrenos”. (Ibid.) Para atingir a ideia, a mentalidade liberal-humanitária se apega à noção de progresso - mas não se trata aqui de um progresso advindo de atos revolucionários, e sim de um progresso visto como transformação gradual ou linear da realidade.

“Ainda por outro ângulo, a doutrina utópica (*no caso a ideia liberal-humanitária*) se relaciona cada vez



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

mais ao processo de transformação. A ideia que só poderia realizar-se em época distante, no decorrer do contínuo desenvolvimento do presente, converte-se em norma que, aplicada aos pormenores, produz um melhoramento gradual... A participação nas tendências mais imediatas do desenvolvimento cultural de nossa época, a fé intensa no institucionalismo e no poder formativo da política e da economia, são as características dos herdeiros de uma tradição, que não só se preocupam em semear, mas também em recolher no instante atual os frutos da colheita.” (Ibid., p. 209)

Em contrapartida, a mentalidade conservadora não enfatiza a ideia, ou melhor, não está preocupada com o normativo, o “dever ser”, e sim com a realidade, ou seja, com o “é”. Por isso, Mannheim procura deixar claro que a mentalidade conservadora não chega a elaborar uma utopia.

“A mentalidade conservadora, como tal, não tem utopia. Idealmente, está pela sua própria estrutura em perfeita harmonia com a realidade que, temporariamente, ela domina. Carece de todos esses reflexos e iluminações do processo histórico, que provêm de um impulso progressivo. O tipo de conhecimento conservador é, originalmente, de índole a proporcionar um controle prático.” (Ibid., p. 214)

Contudo, o ataque à ordem estabelecida faz com que o pensamento conservador produza uma contra-utopia.

“Somente o contra-ataque das classes da oposição e sua tendência a romper os limites da ordem existente faz com que a mentalidade conservadora sujeite a um exame a base do seu domínio e necessariamente



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

provoca, entre os conservadores, reflexões filosóficas a respeito de si mesmos. Surge, assim, uma contra-utopia que serve como meio de auto-orientação e defesa.” (Ibid.)

Sendo assim, se para o progressista a ideia precede o ato, para o conservador a ideia só pode se tornar visível quando o mundo já assumiu uma configuração interna fixa.

Outra diferença demarcada por Karl Mannheim entre as mentalidades conservadora e liberal-humanitária diz respeito ao sentido atribuído ao tempo por cada uma delas: enquanto o pensamento progressista vê o futuro como tudo e o passado como nada, o pensamento conservador vê o passado como importante, ou melhor, os conservadores veem o tempo como criador de valores, enquanto os liberais veem o tempo como origem de progressos futuros. Tratando mais especificamente da noção de tempo estabelecida pelo conservantismo, mas diferenciando-a da visão liberal-humanitária, Mannheim afirma:

“... para o conservantismo tudo que existe possui um valor positivo e nominal pelo simples fato de ter chegado a existir, lenta e gradualmente. Portanto, não só a atenção não se dirige ao passado e se procura arrancá-lo ao esquecimento, mas também se torna objeto de uma experiência real o caráter presente e imediato de todo o passado. Dentro de tal concepção, a história já não se concebe como uma simples extensão unilinear no tempo, nem consiste meramente em unir, à linha que conduz do presente para o futuro, a que conduz do passado para o presente. A concepção de tempo de que tratamos tem uma terceira dimensão imaginária, que deriva do fato de ser o passado experimentado e concebido como um presente virtual.” (Ibid., p. 219)

A partir da definição de mentalidade conservadora e mentalidade progressista, é possível afirmar que o senador Pinheiro Machado foi um homem que não tinha como



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

característica o apego às ideias, enquanto o senador Rui Barbosa foi o que poderíamos chamar de homem de ideias e movido por estas. Também é possível mostrar que o senador gaúcho se preocupava mais com a manutenção do *status quo*, enquanto o senador baiano almejava a transformação da sociedade brasileira - mas uma transformação dentro da norma, conforme preconiza a mentalidade progressista ou liberal-humanitária. No entanto, vejamos como isso se deu no âmbito da atuação política das duas personagens.

Crise sucessória e candidatura do marechal Hermes da Fonseca

A sucessão presidencial foi um problema sempre ardente ao longo da primeira República. Porém, tal problema ganhou traços mais dramáticos quando, em 1908, morreu João Pinheiro - governador do Estado de Minas Gerais e candidato certo à Presidência da República - e o então presidente Afonso Pena decidiu lançar a candidatura de David Campista, seu ministro da Fazenda.

A candidatura Campista foi apoiada pelo Estado de São Paulo por representar a continuidade da política de proteção ao café - política esta lançada a partir da celebração do Convênio de Taubaté em fevereiro de 1906, durante o Governo do presidente Rodrigues Alves e colocada em prática pelo Governo do presidente Afonso Pena -, mas foi combatida e principalmente pelo senador Pinheiro Machado, que lutava contra a hegemonia política do Estado de São Paulo.

É importante esclarecer que, tanto na sucessão de Rodrigues Alves quanto na de Afonso Pena, Rui Barbosa e Pinheiro Machado compartilhavam a ideia de que o presidente não podia fazer o seu sucessor. Todavia, o senador gaúcho julgava que a escolha do candidato oficial deveria ser um assunto apenas dos chefes políticos, enquanto Rui Barbosa defendia um movimento mais amplo que envolvesse a manifestação de setores da opinião pública, como mostra a seguinte declaração do senador baiano:

“Entendo que nenhum cidadão se deve considerar candidato, enquanto não designado por um movimento da opinião pública, por um partido político, ou por um Estado da União.” (Barbosa,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Rui. Obras Completas. Vol. XXXVI – 1909 – Tomo II, p. 197)

No entanto, no combate de Pinheiro Machado aos interesses de Afonso Pena e seu grupo, Rui Barbosa foi um instrumento do gaúcho, conforme fica claro na seguinte colocação de Raymundo Faoro:

“O homem que corporifica tais tendências, centro das combinações, será, ainda uma vez, Pinheiro Machado. Desarmado, ferido nos instrumentos de sua chefia, assediado, utiliza a combatividade de Rui Barbosa, para deflagrar o combate, herói ungido com o recente sucesso de Haia. Nesse ajuste estará implícita a candidatura do baiano, convocado na sua popularidade para salvar um princípio, que ele conservará em todo o literalismo: a ilegitimidade da escolha pelo presidente da República. Não tardará muito para que Rui Barbosa perceba que, nas combinações, ele será mais um instrumento do que o chefe, papel que supôs representar, em nome da Bahia, em 1905.” (Faoro, 2001, p. 666)

Porém, muitos eram instrumentos de Pinheiro Machado, embora o senador gaúcho tivesse atuado de forma a não deixar evidente tal domínio. Para entender isso é imprescindível analisar os acontecimentos que, após a recusa do nome de David Campista, desembocaram no lançamento da candidatura do marechal Hermes da Fonseca, candidatura apoiada por Pinheiro Machado e combatida por Rui Barbosa.

No dia 19 de maio de 1909, o jornal *O Estado de S. Paulo* reproduziu matéria publicada no *Jornal do Brasil* do dia anterior tratando de reunião de políticos na casa do senador Pinheiro Machado e afirmou que, como em certa altura a reunião corresse o risco de se desviar do seu rumo verdadeiro, caindo numa discussão de princípios,

“o general Pinheiro Machado declarou que se fazia mister chegar a um acordo que representasse o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

sentimento unânime da Nação: - que o candidato à futura presidência fosse escolhido em uma reunião em que estivessem representados os núcleos republicanos pelos respectivos chefes que se achavam nesta capital, e os nossos mais eminentes homens públicos – cuja decisão deveria, de antemão, ser declarada aceita.” (*O Estado de S. Paulo*, 19/05/1909)

Através desse trecho é possível visualizar o estilo de fazer política de Pinheiro Machado: liderar sem se assenorear diretamente do poder. Também é possível verificar, conforme dito acima, que para o senador gaúcho a escolha do candidato oficial deveria ser uma tarefa restrita do grupo de chefes políticos que, como veremos, terminava sendo capitaneado pelo próprio senador gaúcho.

Pinheiro Machado, então, adotou a estratégia de apresentar vários nomes de possíveis candidatos com a intenção de estabelecer confusão e, ainda por cima, ser indicado como candidato de consenso. No ápice dessa estratégia, o senador gaúcho submeteu o nome de Rui Barbosa e do marechal Hermes da Fonseca a Francisco de Assis Rosa e Silva, poderoso oligarca de Pernambuco, que declarou que não iria com o senador baiano “nem para o céu”. Tratava-se, é óbvio, de encenação colocada em prática por Pinheiro Machado, pois este sabia que Rui Barbosa era um desafeto de Rosa e Silva.

Mas a encenação de Pinheiro Machado levou a erro político de grandes consequências, pois os militares não abriram mão da candidatura do marechal, o que obrigou o senador gaúcho a sustenta-la, mesmo por que já vislumbrava a oportunidade de controlar o marechal assim que o mesmo assumisse o poder.

Já Rui Barbosa, homem de outra têmpera, adotou atitude de luta ao responder a consulta feita por partidários da candidatura do marechal Hermes. Em carta de 19 de maio de 1909, o senador baiano se expressou da seguinte forma:

“Supor que uma crise política desta natureza, puramente doméstica, sem mescla de ligação com



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

as relações internacionais, que presentemente nos asseguram toda a tranquilidade, não se possa resolver senão com o nome do chefe do exército, seria fazer a este grave injustiça e não menor à condição do nosso regime, à índole dos nossos costumes, aos sentimentos do povo.” (Barbosa, Rui. Obras Completas. Vol. XXXVI – 1909 – Tomo I, p. 06)

Além disso, e mais grave ainda, no entendimento de Rui Barbosa a candidatura do marechal Hermes da Fonseca representaria um retrocesso na história do Regime Republicano.

“Deodoro saiu de uma revolução, obra sua. Cabia-lhe necessariamente presidir a fundação do regime, de cujo advento a sua espada foi a garantia. Floriano Peixoto encontrou ainda a República numa crise de organização. Mas ele mesmo já não pôde alongar os seus poderes, nem indicar o seu sucessor. Daí para cá o governo civil parecia definitivamente estabelecido. Já lá vão quatorze anos de sua existência. Por que regressarmos?” (Ibid., p.12)

Para Rui Barbosa, a escolha de Hermes da Fonseca só seria explicada pelo fato de o mesmo ser militar.

“Se na escolha não entra como razão determinante a consideração da classe, a que ele pertence, escapa ao meu entendimento o motivo da preferência, que a faz recair pelo seu nome.” (Ibid., p. 10)

Esta carta de 19 de maio inaugurou uma nova fase de disputas na política brasileira, pois, embora os políticos do Partido Republicano Paulista (PRP) já mostrassem que não apoiariam a candidatura do marechal Hermes da Fonseca, foi somente após o posicionamento de Rui Barbosa que os ataques à candidatura do marechal se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

tornaram recorrentes e diretos. Já no dia 20 de maio de 1909, o *Correio Paulistano* publicou um resumo da carta de 19 de maio, dando ainda mais ênfase à ideia de que a candidatura Hermes da Fonseca se caracterizaria por ser militar.

“A situação do marechal Hermes é, porém, especial. Sua Exa. nunca foi político e não é indicado em nome de princípios políticos, mas somente por ser chefe das forças armadas, como ministro da Guerra.” (*Correio Paulistano*, 20/05/1909)

No entanto, no dia 22 de maio de 1909 aconteceu a Convenção que homologou o nome do marechal Hermes da Fonseca com ampla ratificação dos representantes dos Estados. Votaram contra apenas os Estados de São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro. Após a Convenção, os ataques da imprensa paulista à candidatura, agora oficial, aumentaram de intensidade.

O Estado de S. Paulo, que já vinha se posicionando semelhantemente ao *Correio Paulistano*, proferiu um duro ataque à pessoa do marechal Hermes da Fonseca em artigo publicado no dia 24 de maio de 1909.

“Que se sabe deste soldado que à viva força querem que seja o sucessor do Dr. Afonso Pena? Sabe-se que foi um bom ministro da guerra. Ignora-se, porém, inteiramente se ele tem alguma qualidade que o recomende para presidente da República. O presidente da República tem de ser ministro de todas as pastas. É inteligente o marechal Hermes da Fonseca? É culto? Conhece os homens e as coisas da política? Ninguém o diz, nenhuma informação. Arrastam-nos, por conseguinte, para uma aventura tenebrosa, cortada apenas pelo flamejar de uma espada. Não temos necessidade de recorrer à história de outros povos para adquirir conhecimento do que custem em



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

dinheiro, em sangue e em humilhações, as aventuras desta natureza.” (*O Estado de S. Paulo*, 24/05/1909)

Não deixa de ser curioso que para *O Estado de S. Paulo* o marechal Hermes da Fonseca tenha sido apenas “um bom ministro da guerra”, não observando que o marechal foi o responsável, em 1907 - justamente quando era ministro da Guerra do presidente Afonso Pena - pela primeira transformação estrutural do Exército Brasileiro. Com esta reforma o Exército abandonava os exercícios somente teóricos e passava às lições que combinam prática e teoria, que são materializadas nas batalhas simuladas, marchas e atividades realizadas ao ar livre.

No dia 28 de maio de 1909, outro texto publicado n’*O Estado de S. Paulo* salientava que o presidente Afonso Pena havia sido inepto ao indicar o ministro David Campista para sucedê-lo, pois, ao fazê-lo, usurpou uma iniciativa que não era sua e levou o país à crise política. Todavia, para eliminar a inépcia do presidente bastaria, segundo *O Estado de S. Paulo*, recorrer à persuasão íntima e à discussão pública, que seria feita através da imprensa, da tribuna parlamentar e das conferências. Inadmissível seria recorrer à vaidade e à espada de um marechal. Dito isto, o jornal se volta para Pinheiro Machado, afirmando que este, em matéria de usurpação, não deixou para trás o presidente Afonso Pena.

“Se o Dr. Afonso Pena usurpou, o general Pinheiro Machado não usurpou menos. Quem revestiu a pessoa do general Pinheiro Machado da investidura do paladino do povo brasileiro neste transe da nossa vida política? Se o que se quer é que a escolha do presidente da República não se faça à revelia da vontade popular, se é este o termo do nosso debate, se não se descobre outra origem da nossa luta, manda a imparcialidade reconhecer que a vontade popular jaz tão distante e tão desprezada do presidente da República como do valoroso caudilho rio-grandense.” (*O Estado de S. Paulo*, 28/05/1909)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Há muita retórica no trecho extraído d'*O Estado de S. Paulo*, pois, como dissemos acima, quando o presidente Afonso Pena lançou a candidatura de David Campista, os políticos do Partido Republicano Paulista (PRP) não tiveram dúvidas em apoiá-la - já que a vitória do então ministro da Fazenda garantiria a continuidade da política de proteção ao café, adotada após a celebração do Convênio de Taubaté. Portanto, o PRP estava, no mínimo, de acordo com a tentativa do presidente Afonso Pena de fazer seu sucessor, o que mostra que o distanciamento e o desprezo voltado à vontade popular também era considerável entre os políticos deste partido.

Além disso, falar de vontade popular faz lembrar de crítica feita por Oliveira Vianna a Rui Barbosa ao afirmar que este sofria de um dos males da sua época, a saber: o mal de pensar sobre generalidades, sendo uma delas a ideia de Povo Soberano. Segundo Oliveira Vianna, no tempo de Rui Barbosa

“Não se havia ainda chegado ao conhecimento de que esta entidade genérica – o Povo – é apenas uma aparência que se dissipa, quando vista de perto pela lente da realidade; que – sob esta lente da realidade – o que aparece é a personalidade, é a complexidade, é a irreversibilidade de cada grupo social. Daí ele presumir que o povo brasileiro, que tem o seu modo de ser próprio, podia desde que se dispusesse realmente a isto, executar qualquer regime exótico: o *parlamentar*, da Inglaterra; o *presidencialismo federativo*, dos Estados Unidos; a *democracia*, dos enciclopedistas franceses.”
(Vianna, 1987(a), v.2, p. 35)

Todavia, Oliveira Vianna deixa de mencionar que pensar em termos de generalidades é característica, como observa Karl Mannheim, do pensamento progressista que “transcende o presente imediatamente dado, agarrando-se às possibilidades de mudança sistemática que ele oferece”. (Mannheim, 1982, p. 117) O pensamento progressista reage “contra o concreto, não por querer simplesmente substituí-lo por outra forma do concreto,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

mas porque quer produzir um outro ponto de partida sistemática para um desenvolvimento mais amplo”. (Ibid.)

No entanto, apesar da primeira República ter sofrido importantes transformações sociais e econômicas, não houve neste período espaço para o pleno desenvolvimento e aplicação do pensamento progressista, pois a sociedade continuou dominada pelas oligarquias agrárias, concentrando a maioria da população no campo e controlada pelo coronelismo, que contribuiu para o domínio exercido pela própria oligarquia agrária.

Na verdade, o coronelismo, associado aos instrumentos da eleição na base do “bico-de-pena” e à “degola”, restringiu a participação política e transformou a política em ocupação de poucos que controlavam a maioria sem voz nas urnas. Por isso, não é possível falar, como quer o artigo d’*O Estado de S. Paulo* de 28 de maio de 1909, em vontade popular. O que existia eram políticos que lançavam mão de ideias liberais, mas que, no fundo, desejavam e conseguiam que a escolha do candidato oficial à sucessão presidencial fosse mesmo uma tarefa de chefes políticos, o que ocorria sempre. Além disso, os presidentes da primeira República quase sempre se viam no direito de fazer, à revelia dos demais políticos, seu próprio sucessor. Como vimos, um dos poucos que perseguiu uma maior participação da opinião pública foi o senador Rui Barbosa.

Pinheiro Machado, conforme colocado acima, não destoava do pensamento de que a política é obra para ser executada pelos chefes políticos.

“Para ele, como que havia dois planos estanques e irreduzíveis: um, onde rastejava o povo, que deveria ser conduzido à feição de carneirada sem vontade, e outro, onde demoravam os chefes, cuja decisão bastava para dirigir a massa amorfa e abúlica.”
(Porto, 1985, p. 196)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Todavia, como herdeiro do positivista Júlio de Castilhos, Pinheiro Machado não disfarçava sua postura autoritária e elitista no manto do liberalismo, disfarce este que era mais regra do que exceção entre os políticos da primeira República.

O senador gaúcho também não se preocupava em conquistar o apoio da opinião pública, mesmo porque sua posição política e suas sucessivas reeleições ao Senado dependiam principalmente do apoio do Partido Republicano Rio-grandense (PRR), partido que o próprio senador, juntamente com Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros e outros políticos gaúchos, ajudou a construir antes mesmo da proclamação da República. Pinheiro Machado se mostrava, inclusive, desinteressado do cultivo da popularidade, desinteresse que fica claro em discurso de 02 de dezembro de 1910, a propósito de seus atos ao longo da *Revolta dos Marinheiros*.

“Nunca cultivei, Sr. Presidente, a popularidade. A minha carreira política começou em 1880, no Rio Grande do Sul, fundando ali o primeiro clube republicano, e desde esse tempo a minha vida e minha conduta foram baseadas no cumprimento sereno do meu dever cívico, preferindo sempre para juiz das minhas ações a minha consciência. Até hoje não provoquei aclamações das multidões. Nunca pratiquei um ato público com o fito único de conquistar aplausos e também não tenho por hábito manejar intencionalmente a clava de agressões contra indivíduos ou contra classes.” (Discurso de Pinheiro Machado – Anais do Senado – Sessão de 02 de dezembro de 1910)

No entanto, Pinheiro Machado foi representante do Rio Grande do Sul, Estado alheio aos interesses cafeeiros e exportadores de São Paulo por ter uma economia voltada para o mercado interno. Sendo assim, o senador gaúcho procurava reagir à hegemonia política de São Paulo - hegemonia esta que já havia feito três presidentes paulistas (Prudente de Moraes, Campos Sales e Rodrigues Alves) e um mineiro (Afonso Pena), sendo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

que a eleição desse último, embora tenha impedido a chegada à Presidência do quarto paulista consecutivo (Bernardino de Campos), não foi feita sem o comprometimento do próprio Afonso Pena com a política de proteção ao café através da realização do Convênio de Taubaté.

Conforme afirma José Murilo de Carvalho, o lançamento da candidatura do marechal Hermes da Fonseca não pode ser entendido como intervenção dos militares na política nacional e sim como acontecimento que se enquadra “dentro do jogo da política dos Estados que, só pela divisão interna de Minas, teve condições de surgir e vencer”. (Carvalho, J.M. *Forças Armadas na Primeira República: o Poder Desestabilizador* In: Fausto, B. (Org.) *O Brasil Republicano*, volume 2. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p.218) Além de compreender isso, é preciso destacar o papel de Pinheiro Machado nestes acontecimentos, pois o senador gaúcho, ao terminar sustentando a candidatura do marechal Hermes da Fonseca, conseguiu abalar o acordo realizado entre São Paulo e Minas Gerais (política do Café com Leite) e contribuiu para projetar o Rio Grande do Sul no cenário político nacional. Foi, portanto, a ação de Pinheiro Machado que consolidou o Rio Grande do Sul como a terceira força política da Federação Brasileira, força essa que corresponde ao progresso econômico do Estado e coincide com a perda de importância do nordeste do país. Contudo, é possível salientar que Pinheiro Machado não era, como quer Joseph Love, um aliado dos interesses de São Paulo, e sim a oposição que não se manifestou diretamente contra o Governo Rodrigues Alves porque não se sentia suficientemente forte para fazê-lo. Porém, impediu que esse fizesse o seu sucessor e, ao inviabilizar a candidatura David Campista, o senador gaúcho impossibilitou a chegada à Presidência de um homem que defenderia os interesses do Estado de São Paulo.

Conclusão

Tendo como pano de fundo as disputas políticas em torno da sucessão de Afonso Pena e do lançamento da candidatura do marechal Hermes, é possível perceber o quanto Rui Barbosa e Pinheiro Machado eram guiados por mentalidades diferentes, a dizer: o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

senador gaúcho pelo pensamento conservador e o senador baiano pelo pensamento progressista.

Seguindo os ensinamentos do seu mentor Júlio de Castilhos, o senador gaúcho mostrou-se disposto a defender os interesses do Rio Grande do Sul e lutar contra a hegemonia paulista, mas sempre com um senso de ação pragmática e, conseqüentemente, pouco apegado a ideias.

Pinheiro Machado também considerava que a política deveria ser feita pelas lideranças, mesmo por que na visão do senador o Povo – encarado pelo pensamento conservador como uma abstração – não estava preparado para conduzir a Nação.

Rui Barbosa, por sua vez, sempre foi um homem movido pelas ideias. Isso fica claro quando o senador baiano defende que a escolha da candidatura a sucessor de Afonso Pena fosse feita por um amplo movimento da opinião pública, o que contrariava o padrão de conduta política da época.

Diante, porém, da contrariedade causada pelo lançamento da candidatura do marechal Hermes da Fonseca, o político baiano lançou-se candidato dando o tom da chamada Campanha Civilista, movimento que recebeu este nome porque envolveu a candidatura de um Civil (Rui Barbosa) contra a de um Militar (Hermes da Fonseca).

Para concluir é possível, então, afirmar que como Paulo (personagem do romance Esaú e Jacó de Machado de Assis) o senador baiano foi movido pelo espírito de inquietação, por isso o próprio sistema político da época - majoritariamente conservador e marcado por fraudes eleitorais – não permitiu que Rui Barbosa chegasse à presidência da República. Pinheiro Machado, por sua vez, conduziu-se antes de tudo pelo espírito de conservação representado por Pedro, personagem da mesma obra de Machado de Assis. Paradoxalmente, a conduta pragmática e elitista do senador gaúcho lhe proporcionou tanto poder durante o governo Hermes da Fonseca (1910-1914) que seus inimigos políticos não vislumbraram outra saída senão assassiná-lo em frente ao Hotel dos Estrangeiros, localizado na cidade do Rio de Janeiro, no dia 08 de setembro de 1915.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Referências

Barbosa, Rui. Obras Completas. Vol. XXXVI – 1909 – Tomo I. Rio de Janeiro: MEC, 1965.

_____. Obras Completas. Vol. XXXVI – 1909 – Tomo II. Rio de Janeiro: MEC, 1965.

Carvalho, José Murilo de. *Forças Armadas na Primeira República: o Poder Desestabilizador* In: FAUSTO, B. (Org.) O Brasil Republicano, volume 2. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

Faoro, Raymundo. Os Donos do Poder: Formação do patronato político brasileiro. São Paulo: Editora Globo, 2001.

Love, Joseph. O Regionalismo Gaúcho e as Origens da Revolução de 1930. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

Mannheim, Karl. *O Significado do Conservantismo* In: Mannheim, Karl: sociologia / organizadora Marialice M. Foracchi. São Paulo: Ática, 1982.

_____. Ideologia e Utopia. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo: Editora Globo, 1954.

Porto, Costa. Pinheiro Machado e seu Tempo. Porto Alegre: L & PM / Brasília: INL, 1985.

Vianna, Francisco de Oliveira. Instituições Políticas Brasileiras. Vol. 1. Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo: EDUSP / Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1987.